

Leça da Palmeira: lazer e evolução urbana litoral entre finais do século XIX e meados do século XX

José Maria de Oliveira¹

1. Leça da Palmeira, praia de ingleses

A escolha de Leça da Palmeira como objecto de estudo surgiu como o resultado da busca de uma realidade concreta que objectivasse a temática do 1a2er. A medida que nos documentávamos sobre a área litoral a norte do Porto,



Figura 1 - Leça da Palmeira em dia de festa



Fonte: Arquivo Histórico e Municipal de Matosinhos.

encontrámos nesse conjunto geral, questões individualizáveis relacionadas com as particularidades dos lugares e dos homens, sujeitos/agentes transformadores desses espaços. Assim, fomos à procura da compreensão do lugar de Leça da Palmeira, e também das relações que se estabeleceram entre ele e os outros lugares.

¹ Professor de Geografia na Escola Secundária de Alexandre Herculano, Porto.

Actualmente, sob o ponto de vista epistemológico, o estudo geográfico pode passar pela leitura do território à escala do lugar: "O homem é actor geográfico, o lugar é o seu espaço de vida; todas as relações aí se misturam num emaranhado de ligações veiculando os nossos sentimentos pessoais, as nossas memórias colectivas e os nossos símbolos. Não pode existir uma visão única de um lugar" ². Sendo o objecto da Geografia o espaço dos homens (lembrando Frémont), o estudo do espaço vivido toma-se necessário à compreensão das práticas sociais de uma sociedade que vive em lugares precisos e possui uma história colectiva. Assim, o nosso trabalho enveredou por uma perspectiva humanista, ao incorporar a vida quotidiana de um lugar onde as pessoas interpretaram e construíram uma história comum e práticas sociais relativamente precisas, e no caso concreto, relacionadas com o veraneio em Leça da Palmeira.

Os primeiros banhistas terão começado a chegar a Leça por volta de 1820--30 e, muito provavelmente, não eram ingleses. A data, Leça era uma pequena aldeia de pescadores ligada pela Ponte de Pedra a Matosinhos e ao Porto, dos quais dependia a economia do litoral e do interior rural. As ruas pelas quais circulavam o pescado, as ideias e as dinâmicas sociais convergiam para o centro administrativo e paroquial do lugar, de estrutura urbana medieval, aberto para o mar pelo rio Leça. E no litoral, de fraca ocupação, destacavam-se referências religiosas e de defesa: as torres da Matriz e a Via Sacra de Santana, a capela de S.Catarina, o Castelo e os três faróis do Corpo Santo.

Porém, quando em 1853 Leça é elevada a vila, conjuntamente com Matosinhos, a afirmação político-administrativa das duas freguesias resultava de uma identidade litoral que se queria valorizar, quando em Leça despontava o tempo dos banhos. Em meados de Novecentos, já se notava uma vivência social de praia marcada "pela colónia inglesa, cujos hábitos, cavallos, trens, 'toilettes' imprimem ao sitio a principal animação do seu aspecto exterior" ³. E, a partir de 1872, com a inauguração do 'americano', "foram até muitos os ingleses que em Leça passaram a viver todo o ano"⁴. No final do séc. XIX, a

² Antoine Bailly (1990: 158). Tradução nossa de: "L'homme est acteur géographique, le lieu est son espace de vie; toutes les relations s'y mêlent dans un écheveau de liens véhiculant nos sentiments personnels, nos mémoires collectives et nos symboles. Il ne peut exister une seule vision d'un lieu."

³ Ramalho Ortigão, recordando a sua visita a Leça, em Setembro de "ha talvez dezoito anos", cerca de 1858 (1876: 36 e 39).

⁴ Artur M. Basto (1954: 14). O mais antigo registo de compra de propriedade em Leça, encontrado por nós, no Fundo Notarial de Bouças-Matosinhos, data de 1 de Abril de 1871, e foi feito por John Whitley Atkinson, casado com "D. Maria José de Sousa" e morador, em casa alugada "na rua do Vareiro", do "Campo do Moinho de Vento [...] para edificação de casas", revelando a intenção de Atkinson de residir em casa própria, o que aconteceu mais tarde com a compra, em 2 de Novembro de 1871,

praia de Leça já estava enquadrada no circuito turístico das praias, havendo entre elas uma interdependência de banhistas, sendo que "a gente que está a banhos em Leça vai de tarde passeiar, de americano, à Foz, a gente que está na Foz vai muitas vezes passeiar a Leça [...] Há sempre um grupo de homens a meio da ponte, outro grupo num estanco de Leça, e finalmente outro grupo na alameda de Matosinhos [...]" (*O Correio do Norte*, 1880).

Por volta de 1900 residiam em Leça da Palmeira cerca de 55 ingleses, de todas as idades, o que correspondia a 77% do total concelhio (com 71), número que cresceu até um total concelhio de 90 ingleses, em 1920, década em que a comunidade britânica atingiu muito provavelmente, o valor máximo. Depois de 1920, há um decréscimo e, em 1930, residiam, com mais de 14 anos, cerca de 25 britânicos num total concelhio de 61.⁵

A explicação para o não retorno da comunidade britânica a Leça, além das obras de Leixões, que se reiniciaram em 1932 e terminaram em 1940, relaciona-se também com a vulgarização do avião e das telecomunicações, que evitam a residência permanente em Portugal, para dirigir o negócio de produção e exportação do vinho do Porto, o qual foi sendo tomado pelos portugueses, face a uma comunidade que ia envelhecendo.

de "huma morada de cazas térreas com seu quintal [por] 330.000 réis de metal sonante [...] a Joaquim Luiz d'Araújo" (ADP, Cartório Notarial..., PO 6º, Unidade índice 322).

A afluência de banhistas continuou a crescer pelo aumento da acessibilidade a Leça. Em 1898, a linha electrificada de carris de ferro chega a Leça, à rua Nova do Arnado, ficando a rede de transportes definitivamente estruturada e orientada pelo litoral. Depois, o 'eléctrico' prolonga-se até ao Castelo, e por último até à frente da praia de Fuzelhas. Até finais da década de 40 do séc. XX, o 'eléctrico' seria o transporte mais significativo na deslocação de pessoas e banhistas entre Leça, Matosinhos e o Porto.

⁵ Em 1900, residiam em Leça seis elementos da família Thompson, na Rua de St.^a Catarina, n.º 8; oito da família North, na Rua Hintze Ribeiro, n.º 557; seis da família Atkinson, na Rua Gomes Freire, n.º 4; sete da família Blachett, na Rua da Amorosa; seis da família Atkinson Vale, na Rua José Falcão, n.º 121; seis da família Crorie, na Rua da Amorosa; quatro da família Lenscherer, na Rua José Falcão, n.º 112; três da família Man, na Rua José Falcão, n.º 245, e nove da família Latimer Atkinson, na Rua Gomes Freire, n.º 2. Nos primeiros tempos os ingleses residiam, nas ruas mais antigas e próximas do rio. Depois, acompanharam a transferência do lazer para o litoral e passaram a residir na parte mais moderna de Leça (AHMM, *Livros de Registo dos Estrangeiros*..).

Em 1939 moravam em Leça: Nora e Constance Harris, na Rua do Corpo Santo, n.º 7, Napoleon Marr e Clode Porter (José Falcão); dois Watson, Matilda Marr e Mina Sellers (Guilherme Gomes Fernandes); quatro Finister (Hintze Ribeiro), Florence, Stanley Charles e Leslie Darren (Manoel Gouveia), dois MacCrorie (Amorosa, 27), Constance Murray e Lucy Symington (Hintze Ribeiro), dois Baker (5 de Outubro, 12) e três Atkinson e um Taylor na rua Gomes Freire (AHMM, *Livros de Registo Extraordinário*..).

No início de XX, o quotidiano de Leça da Palmeira apresentava-se 'britanizado' com a praia de Fuzelhas (com 10 banheiras e situada no areal fronteiro à rua do Moinho de Vento, "a melhor praia de Leça") a ter também o nome de praia da "Poça dos Gatos, ou dos Ingleses" (A. NOBRE, 1945: 21). Leça da Palmeira tinha ainda uma outra praia de banhos no rio Leça, para quem "prejudicavam os saes marítimos ou o embate das ondas", situada acima da ponte de Pedra, com "abarracamentos de panno alguns de madeira para os banhistas fluviaes" e barcos de aluguer para percursos no rio. Ela teria surgido por volta de 1869 e, em 1899, contava com "4 banheiros" (FARIA, 1899: 67 e 68). A data, Leça tinha também estabelecimentos de banhos de imersão e duches, quentes e frios com águas salgada e doce, em ruas chegadas ao mar, como nas ruas do Vareiro e de Fuzelhas, funcionando nesta, desde 1897, o estabelecimento de Alfredo Mésseder, com seis tinas para banhos salgados e quentes.

A norte de Leça, o litoral encontrava-se ainda numa fase de descoberta pela via balnear. Em 1899, a praia do Funtão tinha "10 annos e 16 barracas". "Mais concorrida", a praia da Forcada, perto d'Angeiras, "utilizada ha mais de 20 annos, tinha 4 banheiros". Angeiras era um lugar a 800 metros da praia, "[...] com 47 casas, sendo algumas para habitação e o maior numero para os lavradores guardarem os seus barcos e apetrechos de pesca (FARIA, 1899: 69 e 70).

Leça era um subúrbio do Porto, oferecendo residência e lazer mais barato do que a Foz e longe do seu cosmopolitismo. E o inglês, "a todos os arredores do Porto prefere Leça da Palmeira [...] a facilidade da viagem ao Porto onde os ingleses têm os seus escritórios, converte Leça num bairro afastado, onde se pode habitar sem se estar muito perto nem muito longe do Porto" (A. PIMENTEL, 1902: 243-244).⁶ Os ingleses, por imitação social, foram factor de atracção para outros banhistas e imagem 'de marca' para a divulgação de Leça para o exterior, e no convívio das férias em Leça misturavam-se "os

⁶ "As casas melhores e mais espaçosas eram alugadas ao ano, às famílias inglesas, embora muitas delas só viessem passar os meses de Verão. Quando eles chegavam sabia-se logo, pois os bens de consumo subiam de preço. Os britânicos antes do jantar, todos os dias davam um passeio com o seu inseparável caõzito, até à Boa Nova. No Verão, ainda saíam depois do jantar, e o passeio favorito era ir até ao fim do molhe norte[...]. Os ingleses eram muito divertidos: faziam piqueniques para os quais iam de bicicleta; andavam de barco e canoa, no rio Leça que, nesse tempo era uma beleza. Jogavam ténis, gostavam de dançar e, ao fim de semana, lá davam o gostinho ao pé, num barracão que alugavam, nos meses de Verão, na Rua do Marinho a que se chamava o 'Bate Chinelo'. Essas festas eram só para os 'bifes' (e apenas) os Alto-Mearim', os 'Brito e Cunha', as 'Venceslau Fernandes' e pouco mais eram convidados". E a praia de Leça "na altura do Verão animava-se bastante e muita gente vinha ver o banho das inglesas, que eram belas e esbeltas (Cristina North, filha de Christopher North e de Maria José Guedes de Carvalho, *in*). BENTO, 1995: 91 e 92).

Rumseys, os Garretts, os Oliveiras, José Domingues e irmãos, os Vieira de Castro, os Montalvões, o Augusto de Castro, o Alfredo de Campos, o Júlio Vilaverde, Raul de Caldevila, Melo de Matos, Alberto Neves e seu irmão Diniz, os Ramos de Magalhães, o Francisco Newton, os Kendall [...], o /Moreno Gabriel', o António da Bruxa, o Chiribenta [...], o Cristiano Wanzeller, o João Atkinson, os Daggés, os Teages" (A. NOBRE, 1945: 13 e 21).

2. O veraneio em Leça

A procura de Leça, praia de ingleses, por parte da burguesia urbana portuense beneficiou da expansão da habitação pelo litoral a norte do Porto, processo que já havia potenciado a fixação dos ingleses em Leça, e a apropriação pela burguesia do modelo de lazer aristocrático sofre a influência da nova organização dos tempos e dos espaços. Os problemas de crescimento do Porto do séc. XIX (com ilhas de operários e saneamento insuficiente), e a vida em Leça beneficiaram a concretização das ideias de casa grande (havia espaço desocupado e barato, tal como a mão de obra), e distante do trabalho, de ar puro do campo e praia, de afirmação social e de (re)investimento de poupanças. O tempo de lazer "concentra-se no Verão [e] torna-se data fixa para toda a gente" e a distanciação do trabalho e lazer era um ideal burguês, com o lar como centro do mundo da "família, porto de abrigo do homem cansado e preocupado". (M. PERROT *et ai*, 1990: 232 e 70).

A burguesia portuense tomava o banho muito cedo e depois regressava a casa ou ia para os negócios na cidade ou no club de Leça (A. PIMENTEL, 1902: 247). Voltava-se à praia de tarde, sobretudo as senhoras e crianças, para passear, conversar, brincar na areia, escrever ou ouvir rimas e pensamentos. Podia-se ir também para o "campo, rio ou efectuando pequenas gericadas", até à Boa Nova ou ao obelisco de Pampelido. O domingo tinha muita animação nas estradas do litoral, a norte de Leça, com homens e mulheres em cima de burros, "com os seus balyement de caudas de seda" e "sapatos de lona", eles e elas "com guarda-sol de paninho e chapéu de palha". Os passeios pela estrada, batida pelo sol e pelo vento litoral, terminavam com um "*lunch* sob os pinheiros", uma corrida de barco ou "caçadas às lebres" (O *Monitor* 17 de Agosto de 1895; 24 de Maio de 1896). O passeio de barco rio acima, passando pelo 5.º arco da Ponte de Pedra e até à Ponte Tavares, era outra forma de lazer, após o banho. O rio era um local propício para os rapazes praticarem o mergulho e, entre o rio e o mar, realizavam-se também provas de natação, campeonatos de *waterpolo* e regatas de vela.

Contudo, o principal local e modo de lazer situava-se entre a Esplanada do Castelo e o hotel Estefânia, na frente flúvio-marítima, no troço de rua, apelidado muito naturalmente de Sala de Visitas. *Aí* se localizavam as paragens finais dos transportes da época, para (des)embarque, para ver o próprio porto e o lugar de Leça, ou para nele veranearem. Nesta "rua larga", frente à barra de

Leça, as "[...] casas tinham escadas e passeios com degraus em redondo, onde se sentavam as meninas, com rapazes, que namoravam e ouviam versos. As senhoras sentavam-se em cadeiras entre os intervalos dos degraus e os homens passeiavam com os políticos e comerciantes"⁷. No largo do Castelo organizavam-se vários divertimentos e lutas de rapazes. Jogava-se ao pião, num terreno ensaibrado, e faziam-se corridas no paredão do Januário que também servia para namorar, chamando-se o "muro do derrete". A Alameda de Leça era um espaço organizado e construído mas em comparação com a Sala de Visitas, não passava de um passeio público improvisado, com uma afluência menor, pois localizava-se distante e isolada dos movimentos de visitantes e veraneantes.⁸

A ocupação balnear tinha ainda outras formas de recreio, sem regularidade balnear, tais como festivais diurnos e nocturnos no rio festejando as águas calmas, frescas e românticas ou touradas aos domingos à tarde, corridas de gosto ou garraizadas, organizadas e participadas pela elite social da época, rapazes de famílias ilustres do Porto, Matosinhos, Foz e Leça, incluindo os ingleses. Ir à praia era chique e servia para mostrar a elegância (romântica), com vestidos floreados e folhados, bengalas e cartolas, difíceis de manter face ao vento litoral do noroeste. Era vestido que o banhista marcava a diferença e não ainda, no 'despido', no sair da água ou no areal, *no fare niente*. Concluindo, o veraneio em Leça, nos finais de XIX era um lazer calmo e familiar, de simples vilegiatura, própria de um tempo e modo que já não existem.

3. A divulgação/afirmação da Leça balnear e urbana

Nos finais do séc. XIX a Leça balnear já está construída e o veraneio crescente gerava interesses sócio-económicos relevantes para a vila e o número de casas para alugar a originar rivalidades de concorrência balnear, dirimidas na imprensa escrita local. Nos jornais do Porto haviam-se apelidado as praias

⁷ Entre outros, o Dr. J. M. Correia de Barros, ao tempo, presidente da Câmara Municipal do Porto; Eduardo Machado, rico industrial; o Serôdio, corretor de vinho do Douro, as meninas, D. Ismália Bastos e D. Hilda Rumsey (A. NOBRE, 1945: 10 e 28).

⁸ Os banhistas podiam encontrar também divertimentos nas "soirées dançantes e concertos de música clássica, [e] poesia recitada", no Clube de Leça e no Grémio de Matosinhos, aos "quais comparecia tudo o que há de mais selecto na elite de Mathosinhos e Leça". A animação balnear era grande "á noute a ouvir música [...] em plena florescência" dos banhos que também se fazia nos cafés: no café Rio Leça, que se chamava Central, com a senhorita "Velasco e com o pianista Velasco" e, no salão Ariz, com a "senhorita Adélia Ramos, acompanhada pelo conhecido pianista espanhol, D. José Gonzales", e ainda no Theatro Chalet (de Leça), "[...] inaugurado no dia 13 de Julho de 1890, mandado construir por um grupo de rapazes de Leça, Mathosinhos e Porto, para proporcionar aos banhistas um agradável passatempo [...]". (O *Monitor*, 28 de Agosto de 1890; 13 de Julho de 1890).

fluviais do interior dos molhes do porto, de "lagos de imundice estagnada", para "fazer alugar as numerosas casas devolutas, recentemente edificadas", o que beneficiava as novas e ascendentes praias marítimas de Fuzelhas (Leça) e D.Carlos (Matosinhos).

A maioria dos banhistas alojava-se em casas de aluguer, um modo mais económico e familiar de viver as férias, continuando o chefe de família a ir trabalhar ao Porto e, no fim da época balnear, era a "debandada, [ressentindo-se] profundamente o commercio e a industria d'esta pequena terra, cujos habitantes auferem durante o tempo balnear a melhor somma de lucros, com os quaes muitos d'elles governam a vida durante o anno" (*O Monitoras* 28.04.1895 e 25.10.1896).⁹

Leça da Palmeira organizava-se intencionalmente na preocupação e defesa de uma imagem urbana e turística, um lugar com hotéis "muito próximo da praia de banhos e das obras do porto de Leixões", que recebiam "hóspedes tanto aos dias de festas" (Senhor de Matosinhos, Carnaval...), "como durante a época balnear e tinha jantares à mesa redonda, às seis da tarde". Enfim, "com os confortos e commodidades a que tem jus uma terra civilisada" (*O Monitor* de 22.05.1890 e 25.10.1896). Os banhistas utilizavam os hotéis, restaurantes, cafés, mercearias e serviços de recreação que Leça tinha durante todo o ano, pois a vivência de praia ocorria sobretudo nos espaços urbanos do lugar. Portanto, o acréscimo de actividade económica e social tinha reflexos em todo o lugar, e por isso, procurava-se atrair banhistas, promovendo-se uma imagem global de Leça, como praia, e sobretudo, como um lugar de lazer, de recreação e de festa¹⁰.

Assim, antes da nova temporada balnear, alertava-se para a falta de água, para os arruamentos, o saneamento, a iluminação, a segurança pública e a

⁹ Contudo, no final de Novecentos, além da pensão de miss Flora Harris, na rua da Pança, actual Guilherme Gomes Fernandes, Leça da Palmeira, tinha o hotel Ariz, no Largo do Castelo, o Central, no Largo da Fonte Seca, e o Estephania, na rua do Vareiro, totalizando 50 quartos (20+15+15), situados na chamada Sala de Visitas.

¹⁰ O carácter desta atitude não difere muito do que se faz hoje, com as regatas de vela (como nesse tempo), ou com o voleibol de praia e desportos radicais promovidos pela Câmara Municipal. A imagem aureolada da Leça balnear do passado foi tão bem conseguida que ainda hoje perdura nos residentes com 60-70 anos: os ingleses e os artistas constituem recordações imediatas, elementos relevantes na divulgação de um lugar cosmopolita e particular: urbano, romântico, marítimo, recatado e divertido, qual terra de sonhos. O poeta António Nobre tem lugar de destaque pois foi quem mais cantou o rio Leça e a elegância e altivez das inglesas. Ele conviveu com Alberto de Oliveira, Augusto de Castro, Justino de Montalvão e Raul Brandão. E, além destes outros escreveram sobre Leça e in Vivo': Camilo Castelo Branco, Ramalho Ortigão, Lady Jackson, Júlio César Machado, Eduardo Sequeira, Magalhães Basto, Alberto Pimentel e Antero de Figueiredo. Leça foi também um lugar onde viveu o compositor e pianista Oscar Silva, onde tocou a violoncelista Guilhermina Suggia, por onde passou a poetisa Florbela Espanca e o pintor António Ramalho, amigo íntimo dos Rumseys.

educação nos locais de lazer: na praia de Leça, na Sala de Visitas e na Alameda de Leça. A higiene e limpeza das praias também preocupavam os habitantes de Leça que solicitavam a remoção "dos montes de porcaria que assoberba e dificulta o acesso às duas praias de Leça, a de Santa Catharina e a do Príncipe Real", porque "[...] se a colónia balnear abandonar Mattosinhos-Leça, a sua vida económica será trabalhosa e miserável" (*O Monitor* às 7.07.1895 e 22.01.1899).¹¹

A leitura dos jornais mostra-nos que acabado o tempo dos banhos, a imprensa tinha dificuldade em encontrar temática fora da monotonia do quotidiano do lugar, contrastando com o período balnear rico em acontecimentos recreativos (regatas, bailes...), e movimentos de partida e chegada dos seus frequentadores ilustres, com divulgação repetida, para publicitar e acentuar as vantagens do balneio em Leça.¹²

As décadas de vinte e trinta do séc. XX traduzem uma nova etapa na construção e divulgação de uma imagem urbano-balnear de Leça, com a Comissão de Iniciativa e Turismo de Leça da Palmeira a ter influência decisiva em congregar as iniciativas até aí dispersas, para o melhoramento das praias, anunciadas na imprensa escrita: "[...] em Leça concluiu-se, ha pouco, uma grade em cimento, e uma escada para a praia, que dão ao aprazível lugar um aspecto muito agradável [...]". Estas preocupações voltaram a repetir-se em 1928, "[...] porque por ela passa diariamente gente estrangeira [e] esses estrangeiros, logo que desembarcam, deparam com gente sentada pêlos passeios; são embaraçados pela garotada a pedir-lhes esmola e por muitas mais coisas impróprias (as quais) precisam de ser reprimidas com energia" (*O Monitor*, 28.08.1926).¹³

O alindamento e a diversão do lugar eram condições necessárias ao seu desenvolvimento, porque "[...] quando queremos visitar uma terra que desconhecemos, perguntamos se ela tem bons jardins, bons teatros, avenidas

¹ "E, tirante os cafés com as suas harmonias, excepção feita da pasmaceira no juncaí, esta para os 'dandys' e aquelles para o bello-sexo, não há mais nada além da música na Alameda de tempos a tempos. E na alameda de Leça, nem bancos, nem candieiros há. E contudo, ao resto da tarde e á noute, vae por ali passear muita gente (*O Monitor* de 14.07.1895).

² Assim, por exemplo, informava-se que, "[...] com sua esposa, chega ao Porto Teófilo Braga, professor do Curso Superior de Letras, que vem para Leça fazer o seu habitual descanso". E, quatro dias depois, "chegava com sua família, o dr. Bernardino Machado. Vai para Leça passar a época balnear. (*O Tripeiro* de 13.08.1897).

³ O desempenho dos agentes de iniciativa local aconteceu particularmente até à publicação do *Código Administrativo* de 1936, que estabelece a transferência das competências das Comissões de Iniciativa, para as Comissões Municipais ou as Juntas de Turismo. As décadas de 1921-1930 e 1931-40, respectivamente com 8 e 6 fundações de associações, confirmam a maximização da oferta recreativa no auge do veraneio. Os números de 1931-40, de declínio, coincidem com os de 1881-90, quando o balneio se encontrava em ascensão.

bem lançadas, hotéis confortáveis e excelentes panoramas; não indagamos se a sua água é potável, ou se tem bom sistema de esgotos [...]".¹⁴

A Comissão de Iniciativa e Turismo também promovia pelo espectáculo e, em Agosto de 1929, a inauguração de "melhoramentos no cais do marégrafo teve vários festejos", bem recebidos "pelo comércio, população de Leça e agentes de navegação do Porto e Leixões", que incluíam "desafio de water-polo interclubs, para as finais do campeonato de 1929, corridas de natação [...], de remos para diversas categorias, ginkana náutica, marcha luminosa, com o concurso de pequenas embarcações de Leixões, fogo aquático [...]".¹⁵

Em 1933, a Comissão de Iniciativa de Leixões, denominação nascida por decreto de 28 de Junho de 1933, no 'calor' das lutas entre Porto e Matosinhos pelo controle do porto de Leixões e a que não é alheia a ideia de criar a cidade de Leixões, anuncia a instalação, no "começo do mês de Agosto de alguns deslizadores e carrosséis para as crianças" e expõe a necessidade de "uma escada ou rampa de acesso na praia de Leça, a fim de facilitar o acesso à Avenida da Boa Nova, em frente à rua Dragões de Mossamedes (*O Comércio de Leixões*, de 8.04.1928, 18.08.1929, 22.06.1930 e 6.08.1933).

A propaganda atingiu o máximo na década de trinta, auge e declínio do romantismo balnear no litoral portuense. Em 1934, surgiu em *O Comércio de Leixões* um artigo interessante que sintetiza as preocupações até aí enunciadas e uma série de ideias novas para atrair banhistas, não muito diferentes das actuais. O autor transmite a necessidade de valorizar as praias de Matosinhos-Leça, "aproveitando as suas condições naturais", gerando "atractivos diversos, que chamem a concorrência e tornem agradável a permanência nas praias". Por isso, iria construir-se "uma ponte sobre as linhas férreas, de forma a evitar o perigo do movimento contínuo dos comboios para as obras de Leixões", aumentar o "número de estrados [que] facilitem o trânsito sobre a areia, e que, em certos dias, se reunam, formando grandes recintos para dança" e propagandear "Leça através do Guia de Leixões, óptima e luxuosa publicação [e] por lindos folhetos e postais etc." (*O Comércio de Leixões*, de 13.05.1934.). Leça procurava espaços de lazer na frente de mar, nas avenidas marginais e, como outras terras, sofria repercussões da dinâmica promocional do fenómeno turístico, em que Portugal foi pioneiro.¹⁶

¹⁴ Ideias divulgadas no discurso do presidente da Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Matosinhos, Dr. Forbes Bessa, nomeado pelo Governador Civil, e referenciadas em *O Comércio de Leixões* (29.04.1928)

¹⁵ A Comissão de Iniciativa e Turismo prosseguia a sua acção e no ano seguinte informava de que fora extraordinariamente aumentado o número de barracas" na praia que, "além das sentinas públicas", possuía "balouços para crianças e aparelhos ginásticos para adultos [...]".

¹⁶ Em 12 Maio de 1911, a Sociedade de Propaganda de Portugal recebe em Lisboa, na Sociedade de Geografia, o IV Congresso Internacional do Turismo, promovido pela Federação Franco-Hispano-Portuguesa dos Sindicatos de Iniciativa, precursora da

O crescimento da actividade balnear em Leça, após a última década do séc. XIX, é um período interessante no exercício da iniciativa, imaginação e esforço de vida dos homens pela sobrevivência socio-económica e transformação do espaço vivido. A construção dessa identidade própria baseou-se no destaque de Leça como lugar urbano e de lazer, não poluído, sossegado, romântico, de ingleses e de artistas, por oposição a Matosinhos. A memória dessa Leça antiga poderá ser rentabilizada pela mais valia da diferença, pois a Leça que hoje se constrói na frente litoral norte, apesar de residencial, de lazer urbano e de prestação de serviços, é uma Leça uniformizada e idêntica a tantos outros lugares.

4. As transformações urbanas na Leça balnear

A relevância sócio-económica do balneio em Leça da Palmeira na última década do séc. XIX reflectiu-se no primeiro período de modernização arquitectónica planeada, bem visível nas ruas de Santos Lessa e de Hintze Ribeiro, mais largas, geometrizadas e organizadas em função do mar e da orientação solar. As obras, de alinhamento dos arruamentos, incidiram primeiro no preenchimento do casco urbano. Depois, com a centralização da animação balnear sobre o litoral, os locais junto à praia tomaram-se espaços privilegiados do lazer e os projectos e obras de pequena dimensão foram envolvendo os espaços próximos das praias, ganhando identificação com o veraneio.

Até finais de Novecentos as obras enquadram-se no desenvolvimento geral do concelho e País, como os melhoramentos, em 1876, no cais junto ao rio Leça e rua do Corpo Santo; as reparações, em 1883, na ponte da Pedra; a iluminação pública em 1885, tal como o abastecimento de água e o saneamento. Em 1894 aconteceram obras na rua do Sinal e, devido à "grande violência do mar e o sopro do norte desagradável" construiu-se "um muro-caes e melhorou-se o acesso á praia" nova e em ascensão de Fuzelhas, mudada definitivamente em 1892, devido ao porto de Leixões, com o nome de Príncipe da Beira. Em 1895 houve melhoramentos nas ruas Central, de Santa Catarina, Congosta do Abade, Vila Franca e a pavimentação de um pequeno percurso, de 220 metros, da rua Nova do Amado, importante via de comunicação, pois nela passava a linha do americano. Em 1899, iniciaram-se as obras de abertura e macadamização da Alameda de Leça, uma ideia com mais de 10 anos, sendo "[...] uma obra de grande effeito de decoração, [e] proporcionaria no Verão, "um passeio muito agradável" pois "esse passeio de Leça, conhecido por Sala de Visitas não era suficientemente delicioso para os visitantes de Leça" (*O Monitor* de 12.02.1888).

Organização Mundial do Turismo. E logo, pelo decreto de 16 Maio de 1911, o Governo cria o Conselho e Repartição de Turismo, o primeiro órgão oficial do turismo português.

Em 14 Agosto de 1902, a Câmara de Bouças aprovou um projecto para alinhar a antiga rua de Fuzelhas e a Travessa do Castelo, ganhando mais funcionalidade a envolvente ao Castelo e, em 5 de Abril de 1904, é aprovado um "Projecto de empedramento e um muro de suporte da rua do Castelo e de uma rampa em zig-zag, para estabelecer o acesso da parte mais alta d'esta rua, com a estação do Caminho de ferro". O Castelo, era o local "mais em evidencia aos forasteiros que desembarcavam no porto de Leixões, por ser a mais próxima e ainda por se achar a descoberto e em altitude que mais a salienta" (*Memória descritiva do projecto*, Matosinhos, 5.04.1904.). A poucos metros do Castelo, ainda nesse Verão de 1904, iniciaram-se as obras de iluminação na frente flúvio-marítima (ruas Nova do Amado, da Fonte Seca, e Alameda) e na praia de Fuzelhas.

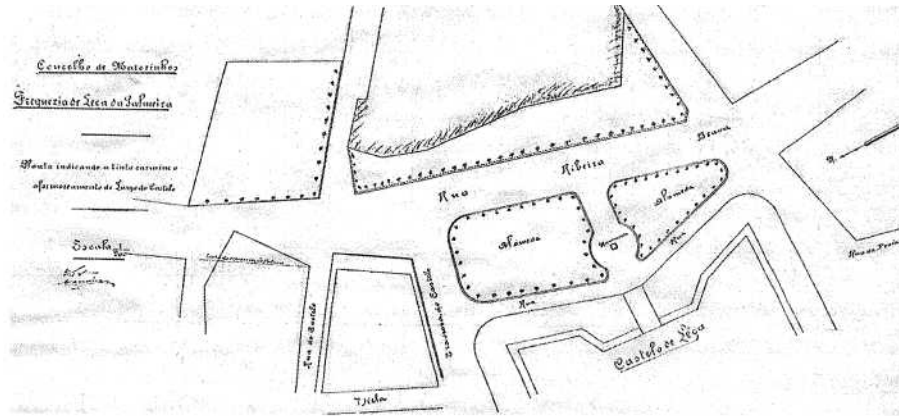
Em 1906 foi aprovado um projecto para um "muro de cães, na margem direita do rio, próximo do 'moinho do Balthasar' e os rearranjos urbanísticos continuaram com o "Projecto para as terraplenagens de parte da rua Dois Amigos e outra compreendida entre a rua Fresca e Oliveira Lessa" (de 1906), o "Projecto para a reconstrução de parte das ruas da Ponte, Pinto de Araújo e do Espírito Santo" (de 1910), o "Projecto para a continuação da abertura da rua Hintze Ribeiro até à Travessa da Agra" (de 1911) e o "Projecto para as terraplenagens e empedramento das ruas Nogueira Pinto e do Jogo da Bolla, entre as ruas da Igreja e S. Januário (Praia de Fuzelhas)", aprovado a 21 Agosto de 1914. Não pretendendo levar à conclusão que as transformações urbanas de Leça resultam exclusivamente do balneio, este foi o factor principal dada a sua relevância socioeconómica para Leça.

As décadas de 20 e 30 do séc. XX são relevantes no crescimento urbano de Leça para o litoral norte, coincidindo com a destruição significativa, entre 1920 e 1924, do território urbano ribeirinho, com o auge da valorização da imagem urbana e balnear. O balneio e o aluguer de casas eram favorecidos pela evolução dos transportes e o baixo preço do solo, em relação à cidade do Porto. E Leça da Palmeira, relativamente à parte da dinâmica da indústria e do comércio gerada pelo porto de Leixões, soube fabricar um novo espaço de lazer e aproveitar a sua situação em relação a Leixões, como local de embarque e desembarque de passageiros e como pólo atractivo de trabalhadores, para desenvolver o serviço de hospedaria em pensões, hotéis e casas de aluguer, conciliando assim o lazer e a função residencial, resultando tudo num período de nítido crescimento urbano.

Em 1920, a área do Castelo volta a ser alvo de um "Projecto para aformoseamento do Largo do Castelo (construção d'uma Alameda)", que não se concretizou na totalidade. Além da maior funcionalidade pelo novo alinhamento dos arruamentos, a arborização e a construção da Alameda pretendiam valorizar esta área de lazer, abrigada dos ventos marítimos. Em 1926, o núcleo urbano antigo de Leça volta a sofrer um alargamento nas ruas da Fonte da Agra, de José Falcão e de Guilherme Gomes Fernandes e, a partir desta última rasgou-se para Noroeste, uma transversal de ligação à geométrica

rua de Miguel Bombarda, ainda em projecto e, como é evidente, em quarteirões desocupados, tal como as ruas de Hintze Ribeiro e dos Dragões de

Figura 2 - Projecto para 'aformoseamento' do Largo do Castelo (construção de uma alameda; 1920)



Fonte: Arquivo Histórico e Municipal de Matosinhos. Figura 3 -

Largo do Castelo 'aformoseado' (anos 30)



Fonte: Arquivo Histórico e Municipal de Matosinhos.

Mossâmedes, hoje Heróis de África, ruas de ligação ao mar, mas mais distantes da frente marítima.

O ano de 1928 é deveras significativo. Nesse ano iniciou-se a construção do jardim Domingues de Oliveira¹⁷ e foi completada a pavimentação de parte da rua de José Falcão e o calcetamento à portuguesa da Travessa do Corpo Santo e, nas ruas de José Falcão (antiga rua Direita), de Miguel Bombarda, de Guilherme Gomes Fernandes e de Hintze Ribeiro foram iniciados o saneamento e a iluminação eléctrica. Ainda nesse 1928, começou a construir-se a Avenida Marginal; por pressão da Direcção dos Faróis, para o acesso ao farol recente da Boa Nova, junto da Junta Autónoma das Instalações Marítimas do Porto e da Câmara Municipal, foi terraplanado um troço de 1500 metros. Logo em 1 de Maio, a Comissão de Iniciativa e Turismo de Leça da Palmeira demonstra preocupação e interesse na apropriação espacial desta nova área de Leça, fazendo aprovar o "Projecto de um pequeno parque na Av. Beira-Mar" e anunciando que ainda nesse ano, com a ajuda da Câmara melhoraria a iluminação, "com globos e lâmpadas de incandescência maior, na explanada da praia e Avenida Beira-Mar [e na] sua extensão até Fuzelhas", para que, "durante parte da noite nela se possa descançar com comodidade [e] às claras".¹⁸

A partir desta data redobram-se os pedidos junto do Governo para a construção da almejada avenida marginal de Leça até Vila do Conde, que desde 1856, traduzia interesses diversos: agricultura, pescas, fiscalização aduaneira das pescarias, socorro a náufragos, comércio e desenvolvimento das praias de S. Clemente da Boa Nova e nascentes: Paraíso, Marreco e Angeiras, facilitando o acesso ao histórico monumento da praia da Memória. Contudo, em 1934, quando a Comissão anunciava que iria recomeçar, "a construção da Avenida Dr. Oliveira Salazar [com] o empréstimo de 200 contos contraído pela Câmara e Comissão de Turismo", a dita Avenida Beira Mar era na maior parte um troço terraplanado, tinha apenas 500 metros construídos. Foi só em 1953, que enquadrada na necessidade de criar ligações rápidas do porto de Leixões com a rede rodoviária do País e com as áreas a Norte, incluindo Pedras Rubras, que

¹⁷ Ele foi concluído depois de 1930, quando o balneio já estava centralizado sobre a praia e a "motorização do lazer, a interiorização do lazer, [nas] assembleias, clubes, salões de ginástica ou posteriormente, o cinema [acrescendo] o período conturbado que em Portugal teve início com a implantação da República, contribuíram decisivamente para afastar as populações dos jardins" (L. P. MARTINS, 1993: 100).

¹⁸ Informava ainda de que a Junta Autónoma iria "cobrir uma valeta existente desde o terminus da linha 1 até à praia de Leça e proceder à construção do muro de suporte e balustrada ao longo da Avenida Beira-Mar, colocar-lhe mais alguns bancos de madeira e ferro" e "outros nos rochedos ali existentes, assim como pequenas plataformas para recreio de banhistas [...] construir uma escada no enraizamento do molhe norte para melhorar o acesso entre o mesmo e a praia [e] quatro alojamentos subterrâneos em seguida às retretes dapraia de Leça para serviço das banheiras, e depósito de carros das crianças, brinquedos etc." A capacidade de liderança da Comissão teve efeito rápido pois nesse 1928, foram construídas as "escadas que dão acesso à praia, a balustrada, o bar, as retretes [e] os armazéns para arrecadação das barracas" (O *Comércio de Leixões* de 20.06.1926 e 28.08.1927 e 06.05.1928).

foi iniciada a I^a fase da Avenida Marginal Norte, até à capela da Boa Nova, troço que passa a Oeste do Farol e ficou a denominar-se Avenida dos Centenários, actualmente, Avenida da Liberdade. Com a construção desta via Marginal, o espaço próximo do litoral organiza-se em função da beira-mar, mas, devido à sua construção tardia, quando o veraneio em casas de aluguer já declinava, a sua influência limitou-se por S. Clemente da Boa Nova e, no troço de 0,5 km, o que nos serve para limitar e balizar a frente urbana atlântica de Leça da Palmeira, resultante do balneio e lazer romântico pela rua de Heróis de África.

A primeira notícia escrita que encontramos sobre um bar na praia de Leça data de 1929 (O *Comércio de Leixões*, de 18.08.1929.)¹⁹. Em 1937, o dito bar, que servia café, licor, *sandwiches*, doçaria, refrigerantes, almoços e jantares, renovou-se com "uma secção de livraria, para distração dos banhistas". Revelando a valorização progressiva dos espaços envolventes às praias, em desfavor dos espaços urbanos mais afastados delas, em 1941, o Clube de Leça é publicitado como "situado num aprazível local fronteiro ao mar, que se disfruta em larga extensão, [e] tendo como seu vizinho o velho Castelo". E adaptando-se aos tempos modernos, da democratização do acesso à praia, ao lazer e ao desporto, o Clube possuía "boas salas de jogos de vaza e bilhar, salão de baile, sala de leitura, bar, 'rink' de patinagem e 'court' de ténis [...]" (O *Comércio de Leixões* de 16.07.1933, 13.06.1937 e 27.04.1941).

O processo de embelezamento dos pequenos espaços urbanos de Leça continuou e, no período do *Relatório Decenal* de 1936-45 procedeu-se ao ajardinamento do largo António Nobre (na esplanada contígua à praia de banhos), da área do Castelo e junto à Avenida dos Centenários. Nos rochedos da Boa Nova foi colocada uma placa de mármore com uma quadra de António Nobre.

Em 1944, surge o Anteprojecto do Plano de Urbanização da Vila de Matosinhos-Leça do arquitecto Moreira da Silva, que planeava urbanizar a área litoral desocupada, a norte da rua de Nogueira Pinto até ao farol da Boa Nova. Ele constituía uma tentativa de programação/construção de uma frente urbana atlântica em Leça com objectivos residenciais e turísticos, e aproveitava algumas ideias não concretizadas até à data, como por exemplo, uma piscina na Avenida Beira Mar, com uma esplanada no rés-do-chão e restaurante panorâmico no piso superior, cuja planta chegou a estar incluída no plano de actividades da Câmara Municipal de 1940. O Plano definia um zonamento habitacional (H1, H2, H3, etc.) e nele inseria e localizava vários equipamentos de cariz

¹⁹ O artigo, depois de fazer a apologia da "frescura das águas do mar da praia de Leça [...], uma praia chie [...], ponto obrigatório de reunião do que mais elegante há na nossa terra", noticia a "inauguração de 10 de Agosto" (um sábado) "do Bar Atlântico, uma das comodidades que hoje se não dispensam em todas as praias do mundo civilizado" (O *Comércio de Leixões*, de 18.08.1929).

nitidamente residencial e de lazer, destacando-se um Mercado, um Centro Comercial, um Centro de Desportos, uma Piscina e um Hotel.

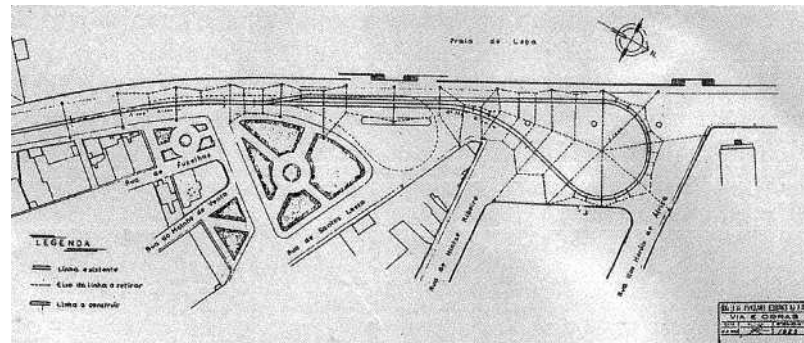
Estes dois últimos situavam-se na Zona Habitacional 2, a primeira, entre as ruas de Hintze Ribeiro e de Heróis de África e, o segundo, logo mais a norte,

Figura 4 - A Praia de Leça e o Bar Atlântico (anos 50)



Fonte: Arquivo Histórico e Municipal de Matosinhos.

Figura 5 - Projecto de modificação de viragem do eléctrico (1952)



Fonte: Arquivo Histórico e Municipal de Matosinhos.

entre as ruas dos Heróis de África e de Nogueira Pinto. O projecto previa a construção de duas vias paralelas entre si e concordantes com o mar, a partir das quais se estruturavam verticalmente, os restantes arruamentos. A

geometrização e a largura dos arruamentos bem como a sua orientação, Oeste - Este, entre o mar e o sol, revelam preocupações com o ambiente urbano-residencial e com o recreio e o lazer, tendo como elemento principal e centralizador, o mar. Na parte urbanizada de Leça, o plano procurava também adaptá-la à funcionalidade residencial e de lazer, por via de pequenas alterações no sentido da regularidade geométrica. Este projecto enquadrado pelo decreto n.º 24 802 de 21 de Dezembro de 1934, que intimava as Câmaras Municipais a elaborar os Planos de Urbanização até Dezembro de 1939, alimentou expectativas na imprensa matosinhense para a praia de Leça, mais bela e moderna. No entanto, na parte de Leça, ele não foi implementado. Neste projecto, pode verificar-se que não há nenhuma área reservada à indústria ou ao Domínio Público Marítimo, que excluísse a construção habitacional. A explicação que nos parece mais plausível para a não progressão da frente urbana para norte da dita rua dos Heróis de África, na primeira metade do século XX, resulta da ausência de capacidade do movimento balnear, cuja força não foi suficiente para criar intenções de oferta e/ou procura de solo urbano.

Nos finais dos anos 40, Leça reflectia já a pressão da frequência e animação sobre as praias, com o aumento de pessoas, barracas e automóveis, problemas que exigiam novas soluções: "serviço de policiamento mais intenso e atento, [mais] bancos no jardim, [e] maior intensidade de luz., uma cabine sonora [difundindo] discos escolhidos, especialmente de música portuguesa, concertos de uma banda de música decente, em coreto que seria colocado a meio do jardim e [regulação] pela polícia, pelo menos aos domingos, do serviço de entrada e saída de passageiros aos eléctricos [...]". Pedia-se ainda que fosse "convenientemente regado o pavimento da Avenida, para que, pelo trânsito dos automóveis, se não levantem nuvens de poeira que é perigosa e incómoda [e] retirados da Avenida dos Centenários os automóveis, que poderiam estacionar na rua António Nobre" (*O Comércio de Leixões* de 4.08.1946.). Se a esta data, apesar das críticas implícitas, se revelava uma atitude conciliatória entre o automóvel e os transportes colectivos, que continuavam a aumentar a acessibilidade à praia de Leça, pelo dobrar do século XX, os automóveis, pelo seu número, começam a valorizar-se, entrando em concorrência directa com o eléctrico que resistia ainda mas começava a ver-se nele um estorvo.²⁰

²⁰ O conflito revelou-se em 1952, quando a "Carris resolveu — e foi-lhe consentido — mudar a raqueta existente junto ao jardim fronteiro à Praia, mais para Norte, indo ocupar o terreno destinado a parque automóvel [...]". Uma simples modificação do local de viragem do eléctrico teve a ameaça de "estragar a Avenida dos Centenários em frente da Praia de Leça", sendo que "o perigo que já constituía, na época balnear, a ida do eléctrico à Praia, foi aumentado sem que se visione qualquer benefício" (*O Comércio de Leixões*, de 20.07.1952).

Bibliografia

Fontes manuscritas:

ARQUIVO DISTRITAL DO PORTO (ADP)

Fundo Notarial de Bouças-Matosinhos, PO 6º, II Série, Unidade 322/23 (28 Abril de 1870 a 4 Dezembro de 1871).

ARQUIVO HISTÓRICO MUNICIPAL DE MATOSINHOS (AHMM):

Registo de Hóspedes do Hotel Estephania (1899 e 1924-29).

Registo de Hóspedes do Hotel Palace, (1925-33).

Registo de Hóspedes da Pensão Beira Mar (1925-28).

Registo de Hóspedes das Hospedarias de Florindo Rosa (1942-45).

Registo de Hóspedes de Inácio da Silva Salgado (1949-50).

Uvros de Registo dos Estrangeiros Neste Concelho de 1835-77 e 1900.

Uvros de Registo de Títulos de Residência de 1928-30. Uvros de

Registo Extraordinário dos Estrangeiros de 1939-46.

Projectos de Melhoramentos na praia de banhos de Fu^elhas (17 Junho de 1891). Projectos para as terrapknagens de parte da rua dos dois Amigos e outra compreendida entre a rua Fresca e Oliveira Lessa, (24 de Novembro de 1904). Projectos de empedramento e muro de suporte da rua do Castello e de um rampa em %ig-%ag (5 Abril de 1904).

Projectos da abertura da rua do Hint^e Ribeiro ate á travessa da Agra (1911). Projectos para empedramento das ruas Nogueira Pinto e Jogo da Bolla, compreendidas entre as ruas da Igreja e S Januário, Praia de Fu^elhas (21 Agosto de 1914). Projectos para aformoseamento do Largo do Castelo (construção diurna Alameda) (1 Julho de 1920).

Projectos dum parque em Fu^elhas (Beira-mar, 1928).

Projectos do jardim Dr. Domingues d'Oliveira, 1930.

Periódicos:

O Comércio de Leixões, 1928 a 1960. O

Correio do Norte, 21 Agosto de 1880. O

Monitor, 1887 a 1896. O Tripeiro, V

série, anos III, VIII e X.

Estudos:

- BAILLY, Antoine *et ai.* (1990) - *L'Humanisme en Géographie*. Ed. Económica, Paris. BASTO, Artur M. (1954) - A Vila de Matosinhos nas primeiras décadas da sua existência. O *Tripeiro*, V Série, Ano IX, Porto.
- BENTO, Jorge (1995) — *Palmeira de Antanho*. Edição do autor, Matosinhos.
- CÂMARA MUNICIPAL DE MATOSINHOS (1948) - *Relatórios de 1936/45*. Câmara Municipal de Matosinhos, Matosinhos. CÂMARA MUNICIPAL DE MATOSINHOS (1951) - *Relatórios de 1946-48*. Câmara Municipal de Matosinhos, Matosinhos. CÂMARA MUNICIPAL DE MATOSINHOS (1992) - *Plano Director Municipal*. Câmara Municipal de Matosinhos, Matosinhos. CLAVAL, Paul (1978) — *Espace et Pouvoir*. Presses Universitaires de France, Paris. COMISSÃO DE INICIATIVA DE LEIXÕES (1934) - *Guia de Leixões*. Edição da CIL, Leixões.
- FARIA, Godinho (1899) - *Monographia do Concelho de Bouças*, s/ed., Matosinhos.
- FELGUEIRAS, Guilherme (1958) — *Monografia de Matosinhos*. Ed. Câmara Municipal de Matosinhos, Matosinhos. JÚNIOR, Alberto L. M. (1962) - Velha-Leça. *Boletim da Biblioteca Municipal de Matosinhos*, 9, Matosinhos: 75-86. LEITÃO, Joaquim (1907) — *Guia Illustrado da Foz de Matosinhos e Leça da Palmeira*. Livraria Magalhães & Moniz, Porto. MARTINS, Luís P. S. (1993) — *La%er, Férias e Turismo na organização do espaço no Noroeste de Portugal*. Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto [Tese de Doutoramento em Geografia Humana. Policopiado]. NOBRE, Augusto (1945) — *Leça da Palmeira: recordações de há sessenta anos*, s./ed., Porto.
- ORTIGÃO, Ramalho (1876) - *As Praias de Portugal*, Livraria Universal, Porto.
- PERROT, Michelle *et ai.* (1990) - *História da Vida Privada*, Ed. Afrontamento, Porto, vol. IV. PIMENTEL, Alberto (1902) - *Sem Passar a Fronteira*. Livraria Central Editora, Lisboa. CONGRESSO NACIONAL DE TURISMO, I (1936) - *Relatório*, I Congresso Nacional de Turismo, Lisboa. SALGADO, José (1986) - *Alguns Aspectos da Evolução Urbana de Matosinhos*, *Boletim da Biblioteca Municipal de Matosinhos*, 30, Matosinhos: 5-14.

Resumo

O crescimento do porto de Leixões permite-nos contextualizar e fasear a evolução urbano-litoral de Leça, e confirma o papel dos transportes como organizadores e transformadores do espaço geográfico, pois conforme marca a ascensão do balneio também contribui para o seu declínio. Com Leixões, o balneio desloca-se para a praia atlântica de Fuzelhas e Leça da Palmeira afirma-se como lugar urbano, balnear e romântico, de ingleses e de artistas, e a sua frente urbana progride e estabiliza. Depois, o fim do eléctrico e, a partir da ponte móvel, as vias rodoviárias ditam o uso do automóvel e do autocarro, com o banhista em deslocação diária casa-praia, e para outras praias até aí distantes.

Abstract

The growth of Leixoes allows us to put into context and chart the urban coastline growth of Leca. It substantiates the theory that transport access is the organising and transforming factor of a given geographical region. It marks the rise in popularity of bathing and beach enjoyment, and conversely may also contribute towards its decline. In Leixoes, the bathing was relocated to the Atlantic beach of Fuzelhas and Leca and revealed itself as an urban beach-going and romantic setting, which was frequented by the English and artists. Meanwhile, its urban front progressed/stabilised along the road, Herois de Africa, perpendicular to the sea, where in 1952 the tram turned around at the end of its line. Afterwards, with the establishment of dock 2, the tram was to disappear. With the movable bridge, the presence of roads resulted in the predominance of travel by car and bus, with the beach-goer now making the journey between the beach and home on daily basis, and visiting beaches even further a field.